

AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL Nº 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontinuos@dirbi.ufu.br.

Trab. Curt
S. 9 (c)
3450

EDUARDO GARCIA VALLE

História e Literatura de Testemunho: Uma análise de “Os Afogados e os Sobreviventes, de Primo Levi”.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
Centro de Documentação e Pesquisa em
História - CDHIS
Campus Stª Mônica - Bloco 1Q (Antigo Mineirão)
Av. Universitária S/Nº
Cep 38400-902 - Uberlândia - M. G. - Brasil

UBERLÂNDIA – MG
2007

3450
S. 9 (c)

22/11

EDUARDO GARCIA VALLE

História e Literatura de Testemunho: Uma análise de “Os Afogados e os Sobreviventes, de Primo Levi”.

Monografia apresentada como requisito parcial para a conclusão do Curso de Bacharelado em História no Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia, sob a orientação do Prof. Dr. Pedro Spinola Pereira Caldas.

**UBERLÂNDIA – MG
2007**

FICHA CATALOGRÁFICA

Valle, Eduardo Garcia.

História e Literatura de Testemunho: Uma análise de
"Os Afogados e os Sobreviventes, de Primo Levi" /
Eduardo Garcia Valle. – Uberlândia, 2007.

43f.: il.

Orientador: Pedro Spínola Pereira Caldas.

Monografia (Graduação) – Universidade Federal de
Uberlândia, Instituto de História.

Inclui Bibliografia.

1. História e Literatura de Testemunho - Teses. 2.
Holocausto - Teses. 3. Primo Levi - Teses. 4. Nazismo -
Teses.

I. Caldas, Pedro Spínola Pereira. II. Universidade
Federal de Uberlândia. Instituto de História. III. Título.

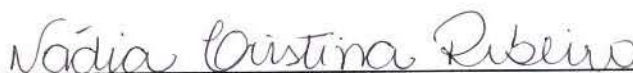
BANCA EXAMINADORA:



Prof. Dr. Pedro Spinola Pereira Caldas.
(Orientador)



Prof.^a Ms. Maria Abadia Cardoso



Prof.^a Ms. Nádia Cristina Ribeiro

Aos meus pais, irmãos e amigos.

À Paula e a Luiza.

Me tornei judeu em Auschwitz. A plena consciência da minha diferença me foi imposta. Alguém sem nenhuma razão decidiu que sou diferente e inferior. Por uma reação normal, me senti diferente e superior. Neste sentido, Auschwitz me deu algo que ficou, recuperei meu patrimônio cultural, minha identidade de judeu.

Primo Levi

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a orientação cuidadosa do Professor Pedro Spínola Pereira Caldas, que em todo momento deu apoio, participando integralmente da realização desta monografia.

As Professoras Maria Cristina Cardoso e Nádia Cristina Ribeiro pela participação na banca examinadora.

Aos amigos do curso de História, que estiveram presentes durante alguns anos, em especial ao Marcelo “Pudim”, amigo de todas as horas. Agradeço também ao Lucas, Diogo, Ivan, Tiago, Mariana e a todos aqueles que a memória não permitiu lembrar nesta folha.

À família “Zílio-Lima” que deram o apoio necessário e participaram em todos os momentos. Um abraço para o Celso Medeiros, “Da - Graça”, Olívia, Júlio e Lígia.

À minha família, minha mãe Vilma, a meu pai Edmar (sempre presente) e aos meus irmãos: Marcos, Karina, Karem e Andréia.

Agradeço do fundo do coração a Paula, presente em todos os momentos, inspiração e razão de minhas alegrias. Obrigado por estar sempre do meu lado. Agradeço também a minha filha Luiza, por ter iluminado o caminho de tantas pessoas, principalmente o meu, dedico essa monografia aqueles que sempre estiveram comigo.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	08
Capítulo 1 – Anti-semitismo e seus antecedentes históricos no século XIX.....	12
Capítulo 2 – A solução final da questão judaica.....	22
2.1 Uma análise de: “Os Carrascos Voluntários de Hitler: O Povo Alemão e o Holocausto”.....	29
Capítulo 3 – “Os afogados e os sobreviventes”, de Primo Levi.....	31
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	38
FONTES.....	41
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	42

INTRODUÇÃO

Proponho estudar nesta monografia final do curso de História, o livro “*Os afogados e os sobreviventes*”¹, de Primo Levi publicado em 1986. O interesse em estudar um livro do autor italiano Primo Levi se deu, pois pretendia estudar o Holocausto de maneira distinta, usando o testemunho dos sobreviventes do maior genocídio da história. Quando entrei em contato com as obras de Primo Levi, fiquei em dúvida de qual obra utilizar para servir de fonte histórica para a monografia. A escolha de “*Os afogados e os sobreviventes*”, se deu pois considero esta obra a mais bem acabada dentre todas, por ser a última a ser escrita, contém reflexões importantes que só com o passar do tempo e muitas incorporações de leituras, torna possível a compreensão a respeito da memória e a experiência nos campos de extermínio. Através de “*Os afogados e os sobreviventes*”, acredito que seja possível analisar o contexto histórico do Holocausto, compreender a realidade política, social e cultural da vida nos campos de extermínio. Outro motivo importante da escolha desta obra é a sua atualidade, visto que as reflexões sobre o Holocausto geram intensos debates historiográficos até hoje.

Desta forma, pretendo utilizar o livro “*Os afogados e os sobreviventes*”, como documento de pesquisa, e neste sentido o texto de Marc Bloch nos auxilia nesta reflexão, pois utilizando um livro de memórias e possível reconstituir o período a ser analisado:

Seria uma grande ilusão imaginar que cada problema histórico corresponde um tipo único de documentos, específicos para tal emprego. Quanto mais a pesquisa, ao contrário, se esforça por atingir os fatos profundos, menos lhe é permitido esperar a luz a não ser dos raios convergentes de testemunhos muito diversos em sua natureza. Que historiador das religiões se contentaria em compilar tratados de teologia ou coletâneas de hinos? Ele sabe muito bem que as imagens pintadas ou esculpidas nas paredes dos santuários, a disposição e os mobiliários dos túmulos têm tanto a lhe dizer sobre as crenças e as sensibilidades mortas quanto muitos escritos.²

É interessante ressaltar, a importância de trabalhar com a literatura de testemunho, nos últimos anos essa literatura tem seus traços entrelaçados em uma relação entre literatura e violência. A expressão literatura de testemunho tem circulado em livros, em revistas literárias e mesmo na grande imprensa com intensidade crescente desde 1990. Relatos dos

¹ LEVI, Primo. *Os afogados e os sobreviventes*; tradução Luiz Sergio Henriques. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

² BLOCH, Marc. *Apologia da história ou o Ofício de Historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2001. pp.79-80

sobreviventes foram e são considerados fontes ou documentos para a reflexão em diferentes áreas do pensamento: na psicanálise, na filosofia, na história, na sociologia, na teoria literária, na lingüística e no direito. Nesses terrenos, com diferentes formulações encontram-se alguns paradoxos constantes. Como narrar o horror dos campos de concentração, se os que o viveram inteiramente não sobreviveram para contar? Os que sobreviveram encontram-se no dilema de narrar o horror vivido ou se calar para poder de certa forma continuarem suas vidas e tentarem apagar as lembranças desagradáveis. A escolha de Primo Levi é narrar suas experiências sabendo que esta não é somente sua, mas de todo o povo judeu.

Através de suas memórias, elabora uma narrativa que não pertence a só si próprio, mas também a todos os judeus que vivenciaram os campos de concentração, e por algum motivo não deixaram seu testemunho. É preciso salientar que o material mais relevante para a reconstituição da verdade sobre os campos de concentração seja constituído pelas memórias dos sobreviventes, mas é preciso ter um olhar crítico sobre essas narrativas. Dentro das condições desumanas em que estavam inseridos, era raro o prisioneiro ter uma visão crítica dos acontecimentos, na maioria das vezes não sabiam nem em que ponto da Europa estava o campo de concentração ou a própria extensão do massacre que desenrolava sob seus olhos.

É importante compreender que as testemunhas dos horrores cometidos nos campos de concentração nazistas, na maioria das vezes eram testemunhas “privilegiadas”, testemunhas que de alguma forma desfrutavam de seus privilégios para poder enxergar mais do alto, sem se dobrar a autoridade dos campos, analisando melhor a totalidade. Essas testemunhas privilegiadas na maioria das vezes eram presos políticos, pois esses sabiam perfeitamente que seus testemunhos eram como armas de guerra contra o nazismo. Os outros prisioneiros ou não tinham a intenção de elaborar um relato, ou não teve tempo de vida suficiente para isso.

As primeiras informações sobre os campos de extermínio nazista começaram a difundir-se no ano de 1942. Essas notícias, na maioria vagas e divergentes, delineavam um massacre de proporções tão amplas, de crueldade tão extrema, que o público tendia a ignorá-las em razão do seu próprio absurdo. Os próprios alemães sabiam disso e se divertiam cinicamente *“Seja qual for o fim dessa guerra, a guerra contra vocês nos ganhamos; ninguém restará para dar testemunho, mas, mesmo que alguém escape, o mundo não lhe dará crédito”. Talvez haja suspeitas, discussões, investigações de historiadores, mas não haverá certezas, porque destruiremos as provas juntas com vocês. E ainda que fiquem algumas provas e sobreviva alguém, as pessoas dirão que os fatos narrados são tão monstruosos que não merecem confiança...”*. É interessante observar como os horrores nazistas foram cuidadosamente organizados para não deixar rastros, e os que ficassem não seriam creditados

pela própria monstruosidade dos relatos. Outra forma de camuflar essa memória, era o fato de os comandantes dos campos de concentração, usarem a mão-de-obra judia nas tarefas mais árduas, os próprios judeus eram designados para fazerem o trabalho sujo, como tirar os corpos das câmaras de gás ou então conduzir os corpos para os fornos crematórios. desta forma forçavam-nos a participarem dessa barbaridade, esses se tornariam cúmplices e sua culpa não seria menor da dos opressores.

Primo Levi descreve com perfeição como a *"memória humana é um instrumento maravilhoso, mas falaz"*, as recordações que trazemos não são imutáveis, na maioria das vezes tende a se apagar e a modificar-se, perdendo ou incorporando elementos. O mesmo fato pode ser interpretado de duas ou mais maneiras diferentes, mesmo o fato sendo recente e sem intenção de deforma-los. Descreve que mesmo em condições normais é normal a memória se degradar, e que é importante fazer o exercício da evocação freqüente, para manter a memória viva e fresca, é importante ressaltar o perigo de se cair num estereótipo, que cristaliza e imobiliza a memória. Ao lidar com a narrativa dos campos de concentração nazistas, Levi examina de forma peculiar as experiências extremas, de ofensas sofridas ou infligidas, geralmente a evocação da memória é traumática, para quem foi ferido, trazer a memória a tona pode renovar a sensação de dor, e para quem feriu, evocar a memória traz um sentimento que ele quer se livrar para fugir de sua culpa. Quando essa memória traz um mal-estar, é normal que os opressores mintam sobre seu passado, e mentem de forma consciente, mas de tanto mentirem criam dentro de si uma realidade própria, a distinção entre verdadeiro e falso perde progressivamente suas linhas, e o homem termina por acreditar plenamente na narrativa que construiu, essa passagem da mentira para a "verdade" constitui a elaboração da verdade de conveniência, muitos dos opressores se escondem sob essa máscara, dando outra versão aos fatos ocorridos, ou simplesmente tampando a boca. Isso faz com que os opressores elaborem uma versão para se eximir de sua culpa e tentar viver em paz. Levi nos ensina que a distorção dos fatos muitas vezes é limitada pela objetividade dos próprios fatos, em torno dos quais existem outras provas como documentos e relatos.

A partir dessas considerações, pretendo analisar no primeiro capítulo desta monografia, o anti-semitismo e Nazismo, evidenciando também seus antecedentes históricos no século XIX. Posteriormente, gostaria de discorrer a respeito do anti-semitismo no período Nazista de 1933 a 1939.

No segundo capítulo, pretendo analisar a respeito da evolução do anti-semitismo até a destruição física dos judeus, esboçar uma narrativa do Holocausto analisando seus aspectos e sua evolução, até chegar no ponto máximo do extermínio representado pelos "campos da

morte”. É importante analisar como o Holocausto é apresentado e discutido nas obras “Os Carrascos Voluntários de Hitler: O Povo Alemão e o Holocausto”³, de Daniel Jonah Goldhagen e também em “Eichmann em Jerusalém: Um Relato Sobre a Banalidade do Mal”⁴.

No terceiro capítulo, é importante discorrer a respeito da obra de Primo Levi, entendendo que sua experiência não é individual, representa a de todo o povo judeu. Entender como Primo Levi a partir de suas memórias estrutura suas narrativas a respeito da experiência de viver num campo de extermínio nazista.

³ GOLDHAGEN, Daniel Jonah. **Os Carrascos Voluntários de Hitler: O Povo Alemão e o Holocausto**; tradução Luís Sérgio Roizman.- São Paulo: Companhia das Letras, 1997

⁴ ARENDT, Hannah. **Eichmann em Jerusalém: Um Relato Sobre a Banalidade do Mal**; tradução José Rubens Siqueira.- São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

CAPÍTULO 1

ANTI-SEMITISMO E SEUS ANTECEDENTES HISTÓRICOS NO SÉCULO XIX.

Neste primeiro capítulo, gostaria de discorrer a respeito do anti-semitismo e também a formação e a consolidação do nazismo no poder na Alemanha. Nesta análise, utilizarei como referência de estudo as obras “*A Alemanha de Hitler: Origens, Interpretações, Legados*”⁵, do historiador Roderick Stackelberg e também “*Os Alemães: A luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX*”⁶ de Nobert Elias. A partir destas obras é possível apresentar uma narrativa coerente a respeito do anti-semitismo e nazismo, focalizando não apenas o período da consolidação no poder, mas os acontecimentos importantes num contexto histórico mais amplo, que se estende do século XIX até a derrocada nazista.

Num primeiro momento, tentarei evidenciar as relações do fascismo (nazismo) com seus antecedentes históricos no século XIX, como esses ideais e crenças foram importantes para a difusão do nazismo já no contexto do século XX. Destacarei também a tese de “*Sonderweg*”, na qual os alemães já estariam propensos ao desenvolvimento antidemocrático radical, embora não pretenda entrar nas discussões historiográficas a respeito da viabilidade ou não deste tema. É importante também mencionar quais foram os fatores após a Primeira Guerra Mundial, que exacerbou os ânimos e o sentimento de nacionalismo principalmente por parte da direita radical, criando as condições necessárias para o advento do nazismo na sociedade alemã.

Pretendo discorrer também a respeito do idealismo alemão, representado por seu extremado nacionalismo e anti-semitismo. Descrever as raízes e o desenvolvimento do anti-semitismo, apresentado suas várias formas, mesmo essas não tendo linhas claras de separação. Outro aspecto importante e ressaltar, a partir da radicalização do anti-semitismo racial levou a formação do movimento “*Völkisch*” no final do século XIX.

Por último, não pretendo entrar em detalhes a respeito da ascensão nazista resultante de diversas crises na República de Weimar. A respeito da Alemanha Nazista pretendo discorrer a respeito das políticas raciais e eugênicas e o programa nazista de eutanásia e

⁵ STACKELBERG, Roderick. “*A Alemanha de Hitler: Origens, Interpretações, Legados*”; tradução de A. B. Pinheiro de Lemos.- Rio de Janeiro: Imago Ed., 2002. 412pp.

⁶ ELIAS, Nobert. *Os Alemães: A luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX*; editado por Michael Schröter; tradução, Álvaro Cabral; revisão técnica, Andréia Daher.- Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

também a perseguição nazista aos judeus no período de 1933 a 1939. Compreendendo esses aspectos, entenderemos como foi possível o massacre indiscriminado de milhões de judeus, no pior crime cometido em toda a história da humanidade.

É importante ressaltar que o nazismo pode ser descrito como uma forma de fascismo com características próprias da Alemanha. O termo “fascismo” criado por Benito Mussoline em 1919, não foi exclusivo a Itália e a Alemanha, desenvolveu-se em diversos países e até nos Estados Unidos, sendo que na maioria destes, o fascismo não se tornou a ideologia predominante. Apesar das características diferentes, a partir das peculiaridades de cada país, podemos dizer que os movimentos fascistas, partilhavam determinados valores, métodos e inimigos em comum.

Creio que para melhor compreender o nazismo, devemos buscar nos seus antecedentes históricos que figuram principalmente no século XIX, para Nibert Elias:

A ascensão do movimento nazista e seu sistema de crenças fica incompreensível se, como acontece tantas vezes, concentramos a atenção somente nas relações na Alemanha deste tempo. Desdobramentos específicos a curto prazo que favoreceram essa ascensão, como a severa crise econômica por volta de 1930 e a intensificação do conflito de classes que dela resultou, acordem de imediato ao espírito e foram previamente examinados em muitas ocasiões. Entretanto, para se entender as condições que propiciaram o singular sucesso desse movimento, é necessário considerar, sobretudo, o padrão de desenvolvimento a longo prazo da Alemanha.⁷

A partir da obra de Roderick Stackelberg, esses antecedentes podem ser traçados até a Revolução Francesa de 1789, é que esta gerou as principais ideologias predominantes na Europa no século XIX e XX. Podemos identificar essas ideologias em termos como “conservadora”, “liberal” e “socialista”, cada ideologia tendo seus valores e propósitos, sendo que estes sempre se opunham a outras duas ideologias. Não pretendo nesta monografia adentrar e especificar cautelosamente sobre as ideologias resultantes da Revolução Francesa, pretendo apenas analisar o fato de como a Alemanha conservou uma ideologia conservadora, gerando as bases para a formação de uma tradição autoritária, que em seu último estágio concebeu o advento e desenvolvimento do nacional-socialismo na Alemanha.

Mesmo identificando as raízes do nacional-socialismo com a tradição autoritária alemã do século XIX, não podemos cometer alguns enganos, segundo Roderick Stackelberg:

É preciso tomar cuidado para não pintar o conservantismo do século XIX com o pincel fascista, nem justificar os fascistas ao igualar seus objetivos e

⁷ ELIAS, Nibert. *Os Alemães: A luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX*; editado por Michael Schröter; tradução, Álvaro Cabral; revisão técnica, Andréia Daher.- Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997. pág 282.

métodos mais radicais com os que eram usados pelos conservadores tradicionais. Os fascistas, sem dúvida, não eram conservadores, uma vez que desejavam defender instituições existentes ou um retorno ao malogrado século XIX; na verdade, trabalhavam com um fervor para uma mudança de curso que extirpasse as corrupções da modernidade (acima de tudo, entre elas os movimentos da esquerda) e preparasse o terreno para a regeneração nacional e racial. Mas não se pode encontrar muito sentido no fascismo, se não situar o movimento no contexto histórico da longa luta travada pelos conservadores europeus contra a democracia, nas variedades liberal e socialista.⁸

Desta forma, podemos evidenciar que o fascismo não era a continuação das monarquias conservadoras, pois assim corre-se o risco de perder o contexto histórico de um movimento de massa do século XX, entretanto o movimento fascista se igualava em relação a uma oposição nítida a democracia liberal e social. Podemos afirmar também que o fascismo “herdou” seu apreço ao autoritarismo, nacionalismo e autoritarismo.

A partir da obra de Roderick Stackelberg, é possível afirmar que o autor compartilha da tese do “Sonderweg”, esta uma noção de desenvolvimento antidemocrático na Alemanha, que teve uma forma peculiar, muito diferente dos modelos dos outros países da Europa Ocidental. Esta tese identifica como esse desenvolvimento diferenciado propiciou uma orientação alemã à direita radical, desta forma levando a Alemanha a Primeira Guerra Mundial, como também o advento do regime nazista. Seria precipitado justificar o nazismo apenas com a experiência do desenvolvimento alemão, desta forma pré-concebendo que o nazismo era inevitável já no século XIX, sem levar em consideração as crises posteriores a Primeira Guerra Mundial, que serão anunciadas a seguir.

Depois de analisar as raízes históricas do fascismo no século XIX, é interessante ressaltar os motivos que levaram o fascismo (nazismo) a se difundir na Alemanha após a derrota na Primeira Guerra Mundial. Podemos citar três principais fatores: Nacionalismo frustrado, a ameaça que representava a esquerda naquele momento (bolchevismo) e as grandes dificuldades econômicas no pós-guerra.

Em relação ao nacionalismo, a derrota na Primeira Guerra Mundial frustrou os ideais alemães de formação de um grande império, os objetivos e ideais foram derrotados, e para piorar a situação, foi imposta a Alemanha o “Tratado de Versalhes”, um tratado imposto pelos aliados sem a participação alemã nas negociações. Não pretendo discutir a respeito do Tratado de Versalhes, mas o fato mais importante é que para justificar as reparações e concessões feitas aos aliados, a Alemanha seria responsabilizada inteiramente pela Guerra. A partir desse

⁸ STACKELBERG, Roderick. “A Alemanha de Hitler: Origens, Interpretações, Legados”; tradução de A. B. Pinheiro de Lemos.- Rio de Janeiro: Imago Ed., 2002. pág 34.

momento podemos evidenciar que o nacionalismo de direita teve um grande impulso na sociedade alemã.

Outro fator importante para a ascensão do fascismo foi sem dúvida a ameaça representada pelo “bolchevismo”, que tomou o poder na Rússia em 1917. Segundo Roderick Stackelberg:

O fascismo foi uma reação violenta contra a extraordinária ameaça que o socialismo marxista parecia representar para as instituições européias tradicionais, agora que contava, pela primeira vez na história, com base de poder nacional. Os partidos fascistas foram fundados na esteira da guerra mundial para oferecer aos trabalhadores uma alternativa ao socialismo marxista e atraí-los para a facção nacional; sua missão proclamada era eliminar a esquerda radical⁹

De forma geral, não seria possível a ascensão do nazismo no interior da Alemanha, se não houvesse uma condição prévia para este acontecimento, mesmo com o nacionalismo frustrado e o aparente perigo da revolução comunista. Essa condição é a recessão e depressão econômica geradas com a crise de 1929. É fato conhecido que a grande depressão beneficiou a escalada de Adolf Hitler ao poder. A crise gerou uma divisão na sociedade alemã. A classe média temia uma revolução bolchevista iniciada pelos trabalhadores de classe mais humilde. Da mesma forma os trabalhadores sentiam mais seduzidos pelos ideais do comunismo, e desta forma ingressavam em partidos políticos mais a “esquerda”. A classe média se sentia mais atraída pelos ideais nazistas. Isso fica evidente no trecho descrito abaixo:

O fascismo oferecia a promessa de soluções radicais __ mas não-marxistas__ para os problemas da economia capitalista, numa época em que os princípios do laissez-faire do liberalismo clássico pareciam oferecer cada vez menos esperança para o “homem comum”. Se os comunistas propunham uma saída da crise econômica pela abolição da propriedade privada, os fascistas ofereciam uma saída através do renascimento do poder nacional¹⁰

A ideologia alemã no século XIX e início do século XX era uma combinação estreita de nacionalismo, racismo e moralismo. Podemos ressaltar, que o idealismo alemão acreditava que a falta de democracia na Alemanha era uma marca de sua superioridade. Esse idealismo acreditava mais nos preceitos morais, para as explicações do mundo, em detrimento da razão consolidadas pelos ideais Iluministas do final do século XVIII. Neste trecho presente no livro

⁹ STACKELBERG, Roderick. “A Alemanha de Hitler: Origens, Interpretações, Legados”; tradução de A. B. Pinheiro de Lemos.- Rio de Janeiro: Imago Ed., 2002. pág 38.

¹⁰ STACKELBERG, Roderick. “A Alemanha de Hitler: Origens, Interpretações, Legados”; tradução de A. B. Pinheiro de Lemos.- Rio de Janeiro: Imago Ed., 2002. pág 39.

de Nobert Elias, fica evidente este preceito de que os alemães não acreditavam na democracia como forma de governo:

A democracia parlamentar fazia parte do quadro ideal que as pessoas tinham de si mesmas como nação e como cidadãos _ o quadro ideal a respeito do qual elas dizem “nós”. E porque as pessoas se identificaram com esse quadro, uma vez que a maioria estava razoavelmente bem sintonizada com uma tradição de comportamento parlamentar, elas também realizavam bastante bem o jogo parlamentar. Para muitos alemães, por outro lado, como para os membros de outros países com uma longa tradição autocrática, a democracia parlamentar não era uma instituição com a qual se identificavam automaticamente¹¹

Nos interessa no desenvolvimento deste capítulo o idealismo alemão, principalmente a questão do anti-semitismo. Se buscarmos as raízes históricas do anti-semitismo, seja ele religioso, econômico, político ou racial é a identificação do judaísmo com o materialismo e a imoralidade. Neste trecho do livro de Stackelberg fica claro:

Durante séculos os judeus foram considerados imorais porque obstinadamente se recusavam a aceitar os ensinamentos “superiores” de Cristo. Os judeus, supostamente, rejeitavam o caminho cristão para a salvação, através da renúncia ao mundo a fim de permanecerem livres para buscar os ganhos materiais com finalidades egoístas. Segundo cristãos e anti-semitas, os judeus recusaram-se a abjurar ao poder e bens materiais, em favor do “reino interior” e do “outro mundo”. Sem serem estorvados pela proibição cristã à usura, os agiotas judeus enriqueceram através de práticas que os cristãos repudiavam como pecaminosas¹²

O perigo representado pelo anti-semitismo, era a contaminação da sociedade alemã pelo “espírito judeu”. O anti-semitismo era considerado como um símbolo de virtuosidade e altruísmo, pois nessa visão o anti-semitismo representava o mundanismo, abnegação de Cristo, egoísmo entre outros. É interessante ressaltar que o anti-semitismo não se propagou apenas na Alemanha no século XIX. Na maioria dos países com uma predominância cristã, existia um sentimento de não integração dos judeus na sociedade. Mas podemos afirmar que o anti-semitismo foi mais acentuado em países com tendências autoritárias do que em países governados por democracias liberais. Para o idealismo alemão, a ameaça judaica ultrapassou a ameaça representada pelos franceses anteriormente.

¹¹ ELIAS, Nobert. **Os Alemães: A luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX**; editado por Michael Schröter; tradução, Álvaro Cabral; revisão técnica, Andréia Daher.- Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997. pág 290.

¹² STACKELBERG, Roderick. **“A Alemanha de Hitler: Origens, Interpretações, Legados”**; tradução de A. B. Pinheiro de Lemos.- Rio de Janeiro: Imago Ed., 2002. pág 72.

A partir da segunda metade do século XIX, com o acirramento das crises sociais e econômica derivados da industrialização e rápida modernização, desencadeou uma violenta onda de anti-semitismo no interior da Alemanha. Essa nova onda de anti-semitismo pode ser explicada pelas crescentes contradições, tensões sociais e políticas na sociedade alemã do período. O anti-semitismo serviu para os conservadores conseguirem o apoio das massas, sendo que isso aumentava sua importância pelo rápido processo de industrialização. Sobrou para os judeus a culpa pelas mazelas da sociedade, pois eram acusados de estarem por trás das doutrinas “materialistas” do liberalismo e socialismo, através dessas doutrinas políticas os judeus conseguiram seus objetivos políticos e econômicos.

O principal alvo dos conservadores era em relação aos judeus não sionistas, pois estes representavam perigo em relação à nacionalidade. As teorias conspiratórias direcionadas aos judeus, camuflavam de fato as crescentes contradições na sociedade alemã, oriundas do rápido processo de industrialização e urbanização.

Podemos dizer que o anti-semitismo racial cresceu a partir das experiências eugênicas e teorias do darwinismo a partir da segunda metade do século XIX. Mas mesmo antes, podemos citar a importância de um teórico francês, Arthur de Gobineu (1816-82) em relação às formulações anti-semitas. Em sua obra o autor conclui que a culpa pela expansão democrática seria resultado dos casamentos inter raciais, que corrompiam a pureza original da raça ariana. Anteriormente, se os judeus ainda poderiam ingressar na sociedade alemã de forma assimilacionista, através do batismo e conversão, agora estas portas estavam fechadas pelo desenvolvimento do darwinismo e positivismo, pois as “novas ciências” davam uma credibilidade científica às teorias racistas do final do século XIX. Neste trecho é possível identificar essas afirmações:

O darwinismo e a tendência positivista do pensamento europeu no século XIX concederam uma credibilidade pseudocientífica à pressuposição racista de que as características culturais e psicológicas, incorporadas na noção de “caráter nacional”, eram transmitidas de forma genética e racial. O anti-semitismo racial, que se presumia baseado na “ciência biológica”, podia ser divulgado como se nada tivesse a ver com o antiquado fanatismo religioso. O anti-semitismo argumentava que as atitudes materialistas eram uma função da constituição física e genética dos judeus; sendo assim, não eram atitudes que podiam ser erradicadas através da conversão voluntária ou forçada ao cristianismo.¹³

A radicalização do anti-semitismo racial era um sintoma claro da transição do conservantismo tradicional para o radical, este último à base do sistema nazista. A sociedade

¹³ STACKELBERG, Roderick. “A Alemanha de Hitler: Origens, Interpretações, Legados”; tradução de A. B. Pinheiro de Lemos.- Rio de Janeiro: Imago Ed., 2002. pág 75-76.

alemã ficou dividida nos que ainda acreditavam que os judeus poderiam assimilar a “cultura” nacional alemã e os que pregavam a expulsão indiscriminada dos judeus. Podemos dizer que, a partir do anti-semitismo social na Alemanha, surgiu o movimento “Völkish”, já no final do século. Esse movimento era constituído por diversos grupos nacionalistas e grupos anti-semitas da extrema direita. Tentava conquistar o apoio das massas através dos apelos a solidariedade racial e nacional. Esses ideais iam de encontro, aos anseios das pessoas mais simples, que não tinham nada na sociedade alemã, participariam desta forma a criação de uma sociedade superior, definida por “Germânia”, “Nórdica” ou “Ariana”. No pensamento “Völkish” era comum a noção de uma ligação mística entre os membros de uma etnia ou sociedade.

Os ideólogos do “Völkish” se apropriaram das teorias eugênicas e a impregnaram com o latente anti-semitismo. Neste contexto que foi fundada a “Sociedade Alemã para a Higiene Racial” em 1905. Este trecho é interessante a esse respeito: “

Os ideólogos do “Völkish” interpretavam o darwinismo social em termos de uma luta de raças, não entre indivíduos. Acreditavam na superioridade nórdica ou germânica, e favoreciam as políticas que assegurassem a pureza racial e a predominância nórdica na Alemanha. Adotavam a eugenia (chamada de “higiene racial” na Alemanha), a ciência de melhorar uma raça ou grupo populacional através de práticas seletivas de reprodução. Na era do imperialismo, darwinismo social e eugenia não eram idéias exclusivas da direita, mas se encaixava com perfeição nos propósitos direitistas.¹⁴

Podemos afirmar que com a derrota da Alemanha na Primeira Guerra Mundial, as ideologias do “Völkish” radicais, conseguiram terreno propício para entrar em maior destaque na sociedade alemã.

Podemos afirmar que com o advento do nazismo no poder, a ideologia e política se uniram de forma violenta em questões relacionadas com eugenia e raça. Essas preocupações relacionadas com a pureza racial levaram à constituição de toda uma legislação discriminatória que veremos a seguir. Na área econômica os boicotes aos judeus não conseguiram atingir as proporções desejadas, pela preocupação do enfraquecimento da economia. Essa exclusão foi de forma gradativa até 1938, quando os judeus já estavam desprovidos de sua vida cultural e social. Esse trecho expressa bem a política nazista:

A política racial nazista expressava de forma extremada a determinação do novo regime de aplicar princípios biológicos na solução de questões sociais. Os nazistas reverteram totalmente a ênfase comunista nos fatores ambientais como a fonte de vários problemas sociais, como o crime.

¹⁴ STACKELBERG, Roderick. “A Alemanha de Hitler: Origens, Interpretações, Legados”; tradução de A. B. Pinheiro de Lemos.- Rio de Janeiro: Imago Ed., 2002. pág 78.

alcoolismo, pobreza, doença ou desagregação familiar. Do ponto de vista nazista, esses problemas tinham origem essencialmente genética.¹⁵

A partir dessa predisposição, o regime nazista promulgou várias leis eugênicas, uma delas a “Lei de Prevenção da Prole com Enfermidade Genética”, de 14 de julho de 1933. Essa lei tornava a esterilização obrigatória para pessoas com doenças hereditárias, criminosos e doentes mentais. Também foi criado o Tribunais de Saúde Genética, para determinar quem seria esterilizado. Estima-se que 400 mil pessoas foram esterilizadas entre 1933 a 1945 na Alemanha.

Posteriormente, pessoas consideradas inaptas para se sustentar também foram esterilizadas. A própria imagem do mendigo refletia o ideal de “raça inferior”. Em 1935 foi estabelecida a “Lei de Proteção a Saúde Hereditária”, esta lei determinava o registro de pessoas consideradas inferiores. Existia também o programa de Eutanásia. Antes de sua implementação, várias discussões na sociedade alemã tentavam legitimar o extermínio. O argumento em favor da eliminação dos “doentes e fracos”, adquiriu uma legitimidade crescente na década de 1930. O programa de eutanásia era conhecido como “T-4”, acreditava-se que aproximadamente 200 mil pessoas foram esterilizadas, até protestos vindos da sociedade e representantes do clero colocasse um fim neste. O programa “T-4” foi o primeiro a usar gás venenoso, neste caso o monóxido de carbono. Posteriormente essa tecnologia foi transportada para os campos de extermínio dos judeus

A partir da chegada dos nazistas no poder, o primeiro passo foi retirar os judeus da vida pública, e todas as disposições anti-semitas foram elaboradas em leis. A “Lei do Serviço Público”, de 7 de abril de 1933, retirou dos órgãos governamentais todas as pessoas que não tinha uma “descendência ariana”. A partir disso, os judeus foram gradativamente excluídos dos trabalhos e, escolas, indústria, jornalismo entre outros. A partir dessas medidas. Este trecho pode explicitar mais algumas implicações:

Os judeus foram proibidos de possuir terras agrícolas e negociar com gado. Em abril de 1933, foi restringida a matrícula de judeus nas escolas secundárias e universidades alemãs. O número de judeus matriculados não deveria exceder a proporção de judeus no total da população. As medidas para vedar o acesso dos judeus às universidades foram logo ampliadas. Depois de julho de 1934, os estudantes de direito judeus não podiam mais fazer o exame de qualificação para o exercício da advocacia. Um decreto

¹⁵ STACKELBERG, Roderick. “A Alemanha de Hitler: Origens, Interpretações, Legados”; tradução de A. B. Pinheiro de Lemos.- Rio de Janeiro: Imago Ed., 2002. pág 184.

similar contra os estudantes de medicina judeus foi promulgado em fevereiro de 1935.¹⁶

Podemos afirmar que o estabelecimento de leis anti judaicas atingiu seu ponto mais alto com o estabelecimento das duas “Leis de Nuremberg” anunciadas de setembro de 1935. A primeira lei conhecida como “Lei de Cidadania do Reich”, reduziu os judeus à condição de estrangeiros. O certificado de ascendência ariana agora era necessário para a obtenção de cidadania alemã. Os judeus foram proibidos de manifestarem sua participação na sociedade alemã.

A segunda lei conhecida como “Lei para a Proteção do Sangue e da Honra Alemã”, proibia o casamento e relações sexuais entre judeus e alemães. Em novembro de 1935 um decreto parlamentar estendeu a proibição de casamento e relações sexuais a outras pessoas de sangue estrangeiro, o que incluía entre outros ciganos e negros. O problema maior era em relação ao estabelecimento de regras para definir que era judeu ou não, essas discussões geraram controvérsias entre os membros do governo e gerou muitas dúvidas e complicações, na dúvida a ideologia proporcionava um teste confiável de “sangue judeu”.

Desta forma, as Leis de Nuremberg geraram um problema de segregação legalizado. A partir das Leis de Nuremberg, várias outras leis anti-semitas foram estabelecidas em níveis locais e regionais. Este trecho é importante na compreensão:

Se, apesar de tudo isso, alguns membros da comunidade judaica encararam as Leis de Nuremberg com um certo censo de alívio, foi porque pareciam proporcionar uma base legal para a continuação da existência dos judeus na Alemanha, mesmo como uma minoria de instituições segregadas.¹⁷

As medidas anti-semitas continuaram a crescer no ano de 1936, no ano de 1938 as legislações anti-semitas, visavam forçar os judeus a deixarem a Alemanha e segregar os que ficassem, essa intensificação pode ser associado com o advento da guerra.

É interessante ressaltar, que a violência contra os judeus atingiu seu ponto mais elevado até aquele momento, em novembro de 1938, no episódio conhecido como “Kristallnacht”(Noite dos Cristais), no qual, casas, sinagogas foram atacadas de forma violenta e indiscriminada, esse ato com incentivo oficial, foi um dos momentos decisivos na política alemã em relação aos judeus. A partir desse momento os judeus estavam sujeitos à

¹⁶ STACKELBERG, Roderick. “**A Alemanha de Hitler: Origens, Interpretações, Legados**”; tradução de A. B. Pinheiro de Lemos.- Rio de Janeiro: Imago Ed., 2002. pág 204.

¹⁷ STACKELBERG, Roderick. “**A Alemanha de Hitler: Origens, Interpretações, Legados**”; tradução de A. B. Pinheiro de Lemos.- Rio de Janeiro: Imago Ed., 2002. pág 207.

violência a qualquer momento, atos de barbarismo dessa magnitude foi um forte indício da aniquilação iminente.

Estava cada vez mais evidente que os judeus não eram bem-vindos na sociedade alemã. Essas atitudes violentas em relação à expulsão dos judeus eram ineficazes e termos racionais. Para conseguir aumentar a emigração de judeus o sistema teria que ser mais racional e sistemático.

Foi muito importante o papel das “SS”. A partir de janeiro de 1939, Reinhard Heydrich ficou responsável para resolver a “Questão Judaica da Emigração e Evacuação”. As soluções para a emigração judaica já eram discutidas em 1934, e seu principal responsável, Adolf Eichmann, conseguiu de certa forma centralizar e otimizar os resultados do processo de emigração. Mesmo com esses incentivos, a questão da emigração era complicada, pois as maiorias dos outros países não queriam receber judeus, alguns recebiam os judeus com alguma garantia de dinheiro. Até o início da guerra, quase a metade da população judaica na Alemanha e na Áustria emigrará, geralmente para países vizinhos que posteriormente seria ocupado pelo exército alemão.

A questão da emigração judaica “voluntária”, foi o último passo para as emigrações forçadas com o endurecimento acontecido após o começo da Segunda Guerra Mundial, veremos a seguir o último passo para a “Questão Judaica”, a destruição física dos judeus e outras minorias.

CAPÍTULO 2

A SOLUÇÃO FINAL DA QUESTÃO JUDAICA.

Analizamos no primeiro capítulo as políticas de segregação que expulsaram e mataram socialmente os judeus dentro da Alemanha. Com o início da guerra, os nazistas se sentiram livres para agirem de maneira aberta à violência, sem nenhuma restrição. Com a guerra, aumentou ainda mais a percepção de que os judeus estavam unidos contra a Alemanha, acusações que foram construídas desde a derrota alemã na Primeira Guerra Mundial.

Para os judeus que ainda viviam no Reich, as degradações foram aumentando num ritmo desenfreado. Foram determinadas algumas regiões, nas quais os judeus deveriam habitar, a fim de tornar a vigilância sobre os judeus mais fácil. Outras medidas foram tomadas, entre elas o toque de recolher noturno e o confisco de pertences pessoais. Os judeus recebiam rações de alimentos reduzidas. É interessante ressaltar, que a partir de 23 de outubro de 1941, foi proibida toda a emigração judaica das áreas controladas pelos alemães, isso é um forte indício que a situação dos judeus já estava determinada, mesmo não tendo nenhuma documentação que prove isso, a deportação dos judeus para os campos de extermínio provavelmente foi estabelecida nesta época.

Após a invasão da Polônia, podemos afirmar que os problemas alemães em relação aos judeus aumentaram, pois como era de interesse alemão remover a população judaica de todas as áreas de sua influência, com a anexação da Polônia, os alemães teriam o problema de ter uma população de judeus muito maior que na Alemanha. É importante ressaltar que os alemães tinham agora mais de 2 milhões de judeus em seus territórios.

Em 21 de setembro de 1939, Heydrich, comandante do serviço de segurança das SS, ordenou a concentração dos judeus poloneses em guetos urbanos. Esses guetos tinham na maioria das vezes, conexões ferroviárias para poder escoar essa população rapidamente caso precisasse. É certa que a concentração de judeus em guetos urbanos era uma medida paliativa, para poder aguardar uma melhor saída para resolver o “problema” da população judaica. Foram criados guetos em todas as grandes cidades da Polônia. Para a administração dos guetos, foram criados conselhos judaicos que tinham como responsabilidade a organização e manutenção dos mesmos.

Dentro dos guetos a situação era precária, em alguns não existiam nenhum tipo de saneamento básico e a fome e pobreza aumentava ainda mais a taxa de mortalidade, segundo Roderick Stackelberg:

A disseminação de epidemias, em decorrência da superpopulação, alimentação insuficiente e falta de saneamento, servia como justificativa para medidas ainda mais radicais de segregação e isolamento. A terrível pobreza, fome e doença aumentaram demais as taxas de mortalidade. Calcula-se que mais de 800.000 judeus perderam a vida em consequência das privações, nos guetos da Europa Oriental ocupada pelos alemães¹⁸

Contraditório foi o papel desempenhado pelos Conselhos Judaicos, pois eram responsáveis pelo cotidiano dentro dos guetos, tinham que cumprir ordens alemãs, eram humilhados pelos membros das SS e ao mesmo tempo eram desprezados pela população judaica. Mesmo com as adversidades, a vida cultural e social sobreviveu em alguns guetos até as últimas deportações nos anos de 1942-1943.

A partir de outubro de 1939, foi implementado um plano de Adolf Eichmann para deportar judeus alemães e austríacos para o setor soviético da Polônia, mas o plano falhou por falta de transportes. Veremos posteriormente como o sistema nazista através de esforços resultantes na Conferência de Wannsee, conseguiu sistematizar esforços conjuntos para a implementação das soluções para o “problema judeu”, pois nas regiões ocupadas pelos alemães, calcula-se que perto de 4 milhões de judeus estavam sob “responsabilidade alemã”.

Nesse período, as discussões em torno da necessidade de uma solução territorial eram sistematicamente discutidas pelos líderes alemães. A partir desse trecho fica clara essa posição:

Dado que em 1939 e 1940 o genocídio não era factível(e poderia não vir a serem um futuro previsível, devido à situação geoestratégica), Hitler e seus subordinados se voltaram para a alternativa mais próxima: planos de deportação em massa. Foram propostos poucos planos para a transferência dos judeus dessas regiões, especialmente para fora de Warthegau, o território polonês então incorporado ao Reich. Alguns chegaram a ser analisados e mesmo parcialmente implementados, até que os alemães os abandonaram. As duas propostas mais amplas a receber alguma consideração séria foram, em primeiro lugar, a criação de uma “reserva”, na verdade um depósito de dejetos, para os judeus na região de Lublin, no leste polonês, e, em segundo, o embarque de todos eles para Madagascar¹⁹.

¹⁸ STACKELBERG, Roderick. “A Alemanha de Hitler: Origens, Interpretações, Legados”; tradução de A. B. Pinheiro de Lemos.- Rio de Janeiro: Imago Ed., 2002. pág 305.

¹⁹ GOLDHAGEN, Daniel Jonah. **Os Carrascos Voluntários de Hitler: O Povo Alemão e o Holocausto**; tradução Luís Sérgio Roizman.- São Paulo: Companhia das Letras, 1997. pág 160.

A intenção de usar a ilha de Madagascar, colônia francesa na Costa Africana, para um possível refúgio para os judeus mereceu sérias considerações do Ministério do Exterior do Reich, ao final de 1940. Com a invasão da França, Madagascar se tornou acessível. Em agosto de 1940, Eichmann, responsável pela elaboração desse projeto, apresentou seu plano para a “solução final” do problema judaico através do repovoamento. A proposta em relação à ilha de Madagascar ia de encontro aos anseios alemães de isolar a população judaica, evitando o contato de judeus com outras populações. Mesmo estabelecidos em Madagascar, os judeus ficariam sob a tutela do Estado Alemão, esse ficaria responsável pelo controle da ilha.

Para o plano Madagascar conseguir êxito, deveria contar com grande quantidade de recursos para o transporte de milhões de judeus da Europa para a costa Africana. Os alemães contavam com uma vitória em absoluto sobre a Inglaterra ou pelo menos um tratado de paz ditada aos moldes alemães. Desta forma, seria possível navegar sem problemas pelas águas marítimas, repletas de combates até então. Outra questão importante é que os alemães esperavam que os custos dessa “operação” fossem financiados pelas comunidades judaicas ocidentais após um tratado de paz com a Inglaterra.

Com a percepção alemã, que a guerra não seria tão curta e as dificuldades em relação à Inglaterra os nazistas adotaram uma postura aniquiladora em relação aos judeus. Segundo Goldhagen:

Já no período 1939-41, os alemães não tinham mais intenções de, a longo prazo, manter os judeus vivos em seus domínios – mesmo em terras distantes – e de muitas formas, avidamente, passaram a tratar de modo mais apocalíptico os judeus socialmente mortos, como se uma sentença capital coletiva tivesse sido pronunciada. Esse período selou o destino dos judeus, no sentido de que os subordinados de Hitler começaram a idealizar planos concretos para uma “solução final”, uma “solução” que não admitia um lugar para os judeus não apenas dentro do Reich alemão, mas também dentro de seus domínios expandidos ou em expansão. Antes disso, a eliminação dos judeus do continente europeu havia sido um ideal discutido em termos programáticos, embora desejáveis; agora, com as novas oportunidades, os alemães imediatamente iniciaram planos mais concretos²⁰

Não podemos afirmar com certeza quando foram tomadas as últimas atitudes em relação à “solução final da questão judaica”, mas as maiorias dos estudiosos concordam que essa iniciativa foi tomada a partir da primavera de 1941, quando estava em pleno andamento o preparativo para a “Operação Barbarossa”. Com relação ao genocídio dos judeus soviéticos,

²⁰ GOLDBHAGEN, Daniel Jonah. **Os Carrascos Voluntários de Hitler: O Povo Alemão e o Holocausto**; tradução Luís Sérgio Roizman. - São Paulo: Companhia das Letras, 1997. pág 161.

fica evidente que já estava traçado um plano de aniquilação conjunto com o início da invasão da União Soviética pelo exército alemão em junho de 1941. Os alemães estavam preparados para uma guerra sem pudor, uma guerra ideológica e racial, sem precedentes em nossa história. Os alemães ignoravam todas as regras e convenções internacionais de guerra, estabelecidas até então. Podemos afirmar que o pior genocídio da história começou com a invasão alemã à União Soviética.

A partir desse contexto, Reihard Heydrich, teve toda a autonomia da cúpula nazista, para elaborar um plano para executar a “solução final”. É importante ressaltar que o termo “solução final” só pode ser compreendido como extermínio.

Podemos considerar que “oficialmente” os primeiros a agirem na “solução do problema da questão judaica”, foram unidades especiais das SS denominados “Einsatzgruppen”, nas palavras de Roderick Stackelberg:

A tarefa oficial dessas unidades móveis de extermínio era executar os “weltanschauliche Gegner” (opponentes ideológicos), incluindo funcionários do Partido Comunista, “judeus com cargos no partido e o governo”, e outros “elementos radicais”. Os quatro Einsatzgruppen, com cerca de 750 homens cada um, operavam em diferentes teatros da guerra: o Grupo A no Báltico, o Grupo B na Rússia Branca(hoje Belarus), o Grupo C na Ucrânia, e o Grupo D na Criméia. Entre junho de 1941 e abril de 1942, eles assassinaram pelo menos 560.000 pessoas, inclusive virtualmente toda a população judaica remanescentes nas áreas conquistadas.²¹

Os “Einsatzgruppen”, eram na maioria das vezes apoiadas por grupos paramilitares recrutados entre cidadãos de outras nacionalidades, entre eles letões, lituanos e ucranianos. O maior e mais representativo massacre realizado pelos “Einsatzgruppen” ocorreu em Babi Yar, nos arredores de Kiev, a 29 e 30 de setembro de 1941. Os judeus receberam ordens para se reunirem numa estação de carga próxima a cidade, mas a poucos quilômetros da cidade foram levados a uma ravina, obrigados a se despirem, as vítimas eram obrigadas a se deitar e eram assassinadas com tiros na nuca.

Outro importante grupo de extermínio era formado pelos “Batalhões da Polícia da Ordem Alemã”, uma força composta por homens que não preenchiam os requisitos para ingressarem no exército, na maioria das vezes esses homens já tinham passado da idade militar. Esses batalhões policiais contribuíram para o massacre de centenas de milhares de judeus. Calcula-se que até 1,5 milhões de pessoas, um quarto de todos os judeus mortos no

²¹ STACKELBERG, Roderick. “A Alemanha de Hitler: Origens, Interpretações, Legados”; tradução de A. B. Pinheiro de Lemos.- Rio de Janeiro: Imago Ed., 2002. pág 309.

Holocausto, foram mortos por fuzilamentos praticados pelos “Einsatzgruppen”, Polícia da Ordem e outros grupos diretamente envolvidos.

Racionalmente os massacres por fuzilamento eram numericamente ineficazes, também o assassinato por tiros era debilitante em termos psicológicos para os carrascos. Os problemas psicológicos e físicos gerados nesses carrascos, chegaram a um ponto que esses, diminuíram sua capacidade de matar. Para os alemães conseguirem completar a tarefa de extermínio dos judeus, deveriam produzir um meio de matança mais eficaz. Podemos essas experiências neste trecho:

Após algumas experiências com outros métodos de matança e o desenvolvimento de veículos equipados com câmaras de gás- com eles os Einsatzkommandos e outros alemães mataram dezenas de milhares de judeus -, passaram a ser edificadas instalações permanentes para o assassinato por meio de gás venenosos. A opção pelo gás em instalações móveis ou fixas- contrariamente à crença amplamente aceita _ deu-se não por considerações de eficiência, mas pela busca de um método que aliviasse a pressão psicológica da matança sobre os alemães. Instalações permanentes tiveram preferência sobre as móveis porque possuíam grande capacidade de matar , permitiam aos alemães levar a cabo as matanças fora da vista de testemunhas indesejáveis que rotineiramente observavam as ações dos Einsatzkommandos na União Soviética e podiam abrigar instalações para a eliminação dos corpos- uma tarefa problemática para as duas instituições itinerantes: os comandos de tiros e os veículos equipados com câmaras de gás.²²

A experiência adquirida no programa alemão de eutanásia, explicitado no capítulo anterior, foi aproveitada para exterminar os judeus. O primeiro campo de extermínio a usar essa nova tecnologia foi Chelmno, localizado a 65 quilômetros a noroeste de Lodz, nesse campo foram mortos aproximadamente 150.000 judeus, a maioria do gueto de Lodz. Posteriormente, foi experimentado outro tipo de gás venenoso, o “Zyklon B”, um potente e eficiente pesticida. Em 1942, entraram em funcionamento mais quatro campos de extermínio: Belzec, Sobibor, Treblinka e Majdanek.

A partir das experiências adquiridas nos campos de extermínios orientais, os nazistas implementaram campos para aniquilar também os judeus europeus. A Conferência de Wannsee, organizada por Heydrich, foi convocada para estabelecer alguns padrões em relação às instituições alemãs. Foram convocados todos os órgãos do governo que precisariam se envolver para que a “solução final” transcorresse sem problemas. A Conferência de Wannsee,

²² GOLDHAGEN, Daniel Jonah. **Os Carrascos Voluntários de Hitler: O Povo Alemão e o Holocausto**; tradução Luis Sérgio Roizman.- São Paulo: Companhia das Letras, 1997, pág 171.

realizada em 20 de janeiro de 1942, não tinha o propósito de estabelecer as diretrizes da “solução final”, o que certamente já estava perfeitamente estabelecida, a intenção era de centralizar esforços entre os níveis burocráticos para que as SS não terem problemas na execução do programa de extermínio. Segundo Roderick Stackelberg:

A conferência, presidida por Heydrich, teve a presença de servidores civis dos mais altos escalões, do Ministério do Exterior, Ministério do Interior, Ministério dos Territórios e Ministério da Justiça; representantes do Generalgouvernement, dos Territórios Orientais Ocupados, Escritório do Plano Quadrienal, e das chancelarias do Reich e do partido; eminentes oficiais das SS e do Centro de Segurança do Reich.²³

Outra questão levantada na Conferência de Wannsee, era em relação às categorias de judeus que deveriam ser incluídos nas execuções, apesar da importância da discussão, não pretendo discutir nesse capítulo esses aspectos, é interessante ressaltar que na dúvida em relação ao grau de descendência a pessoa era considerada imediatamente judia.

Um das decisões tomadas na Conferência de Wannsee, e que os judeus localizados ao leste seriam os primeiros a serem executados nos campos de extermínio. Essas execuções se encontravam em estágio avançado, mas se priorizou a instalação e desenvolvimento de campos de extermínio que atendessem essa região. Essa operação de extermínio dos judeus em campos de extermínio localizados na zona ocupada pelos alemães à leste é conhecida como “Operação Reinhardt”. Os nazistas criaram três campos de extermínio para a execução dessa operação: Belzec, Sobibor e Treblinka. Esses campos estavam localizados em áreas isoladas, mas próximos de linhas ferroviárias. Para a operação dos campos, primeiramente foi utilizado os judeus que se localizavam perto desses campos. Ao contrário do campo de extermínio de Auschwitz, o gás venenoso utilizado nesses campos era o monóxido de carbono.

No campo de Belzec, acredita-se que mais de 600 mil judeus foram mortos, até esse campo ser desativado, no final de 1942. Em Sobibor, foram mortos aproximadamente 250 mil judeus, antes de ser fechado em 1943. Destes campos de extermínio, o maior e mais “produtivo” foi Treblinka, esse campo, localizado a 70 quilômetros de Varsóvia, só perde em números para Auschwitz, o total de mortos em Treblinka chega a 900 mil judeus. As instalações desse campo foram utilizadas entre julho de 1942 a agosto de 1943. A “Operação Reinhardt”, foi encerrada em 19 de outubro de 1943, a maioria das vítimas foram judeus

²³ STACKELBERG, Roderick. “A Alemanha de Hitler: Origens, Interpretações, Legados”; tradução de A. B. Pinheiro de Lemos.- Rio de Janeiro: Imago Ed., 2002. pág 312.

poloneses, mas também judeus oriundos de diversos países europeus. Após cumprirem suas obrigações, esses campos foram desativados e apagados os últimos vestígios de extermínio.

As importâncias dos campos de extermínio oriundas da “Operação Reinhardt”, perderam sua importância com o crescente desenvolvimento do campo de extermínio de Auschwitz. O campo de Auschwitz, localizava-se perto de Cracóvia na Polônia. Esse campo era constituído por campos de trabalhos forçados e também de extermínio. Foi o maior campo de extermínio da Alemanha nazista.

O campo de Auschwitz, pode ser dividido em 3 grandes complexos: Primeiramente serviu como campo de concentração para prisioneiros poloneses e possíveis oponentes do regime nazista até 1941. Em Auschwitz, foram realizados os primeiros testes com câmaras de gás em setembro de 1941, nesta ocasião foram exterminados aproximadamente 900 prisioneiros soviéticos. Em Auschwitz-Monowitz, existiam aproximadamente 35 campos de trabalho forçado, essa força de trabalho atendia principalmente as indústrias de borracha sintética e produtos derivados do petróleo. Auschwitz-Birkenau, foi o campo implementado para exterminar os judeus, e já estava parcialmente em operação desde novembro de 1941. Em Auschwitz-Birkenau, existia a mais alta tecnologia em relação a crematórios e câmaras de gás. Essas câmaras de gás eram camufladas como chuveiros, os carrascos tentavam esconder das vítimas o destino que as esperavam. Segundo Roderick Stackelberg:

Os transportes trazendo judeus chegavam em Auschwitz-Birkenau de toda a Europa, a partir da primavera de 1942 Homens e mulheres eram separados em filas de cinco pessoas emparelhadas. Os oficiais SS faziam perguntas sobre idade, vocação e saúde. As pessoas selecionadas como capazes de trabalhar eram registradas, tatuadas, e recebiam roupas do campo. As consideradas incapazes para o trabalho(até 90 por cento em cada grupo) eram enviadas para as câmaras de gás , sem qualquer procedimento burocrático adicional.²⁴

Existe ainda hoje, uma polêmica em relação ao número de mortes em Auschwitz, estimativa figura de 1 a 4 milhões, mas o número, mais aceito pelos estudiosos é de aproximadamente 1,5 milhões de pessoas. Os alemães, mesmo com seus esforços não conseguiram exterminar toda a população judaica da Europa. Acredita-se que 6 milhões de judeus perderam suas vidas no Holocausto, um terço da população judaica no mundo inteiro.

²⁴ STACKELBERG, Roderick. “**A Alemanha de Hitler: Origens, Interpretações, Legados**”; tradução de A. B. Pinheiro de Lemos.- Rio de Janeiro: Imago Ed., 2002. pág 317.

2.1. Uma análise de: “Os Carrascos Voluntários de Hitler: O Povo Alemão e o Holocausto”.

O livro de Daniel Jonah Goldhagen, causou grande impacto nos meios acadêmicos após seu lançamento em 1996. Para o autor, as atrocidades acontecidas no período nazista 1939-1945, teve ampla aceitação e participação do povo alemão. Segundo Goldhagen, os alemães foram carrascos voluntários do programa de extermínio concebido por Adolf Hitler. Em sua tese de doutorado, que posteriormente deu origem ao livro, o autor descreve que os alemães participaram do extermínio de forma ativa, pois realmente acreditavam que estavam fazendo o melhor, e que esse pensamento “eliminacionista”, foi construído com a partir do anti-semitismo já existente no século XIX.

No livro fica clara a posição do autor que considera que a mentalidade de eliminação dos judeus já estava plenamente desenvolvida no século XIX, desta forma, o sistema nazista apenas apropriou desse sentimento já existente para se consolidar e conseguir dar seguimento a uma política de extermínio eliminacionista. Para comprovar essa tese, o autor argumenta que o nazismo só foi possível, graças à grande recepção que teve nos meios conservadores, inclusive de grupos católicos. É polêmica as afirmações do escritor ao relatar que Hitler e os nazistas, já tinham a intenção de efetivar o genocídio, e que para este acontecer só precisaria das condições prévias. As condições necessárias para o genocídio aconteceram com a eclosão da guerra.

As teses de Goldhagen, refutam categoricamente a idéia de que os alemães foram coagidos, que seguiram uma tendência natural de “seguir ordens”, ou mesmo que eram burocratas sem escrúpulos cumprindo ordens, apenas interessados nos ganhos pessoais. Goldhagen, faz uma pesada crítica a obra da escritora Hannah Arendt²⁵.

Em seus escritos, Hannah Arendt, traça um vínculo entre as atrocidades nazistas e o desenvolvimento das sociedades modernas. Em “Eichmann em Jerusalém”, a autora descreve o julgamento de Adolf Eichmann em 1961. Discorre no livro sobre a perplexidade perante a uma pessoa que fala sobre as atrocidades cometidas contra os judeus, como se falasse apenas em ações de Estado, como se fosse, administrativamente justificável. Essa banalização leva-a a observar que nos projetos e nas ações que promoveram a ascensão do Estado liderado por Hitler, a questão dos judeus, como tudo, era racionalmente administrada. A autora não

²⁵ ARENDT, Hannah. **Eichmann em Jerusalém: Um Relato Sobre a Banalidade do Mal**; tradução José Rubens Siqueira.- São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

consegue enxergar na figura de Adolf Eichmann um mostro, apenas um pessoa sem escrúpulos, que para conseguir “subir na vida” usou de todos os meios sem remorso. Para Eichmann a questão da “solução final” era vista apenas como trabalhos burocráticos. Para Hannah Arendt, Eichmann “*era um sujeito respeitador das leis, porque as ordens de Hitler, que sem dúvida executou o melhor que pôde, possuíam força de lei no Terceiro Reich*”.

As duas concepções são importantes para a compreensão do nazismo, mas particularmente considero o livro “*Os Carrascos Voluntários de Hitler: O Povo Alemão e o Holocausto*”, intransigente em relação a algumas questões. Primeiramente gostaria de ressaltar que o autor tem um grande mérito em ter escrito uma obra tão extensa, mas em alguns momentos, tenta impor seu raciocínio pela repetição, o livro se torna muito cansativo e repetitivo. Entre outras questões, o autor peca em usar sempre generalizações e as simplificações. Outra questão que deve ser levada em consideração é que o autor “seleciona” suas perguntas as fontes, as trabalham de modo que não surja nenhuma contradição naquilo que ele próprio afirma.

Também é bastante questionável a sua concepção de que o Holocausto sempre figurou de forma permanente no pensamento dos alemães desde sempre. Seria justo, afirmar que muitos alemães desde o século XIX, inclusive Hitler, já pensariam em alguma forma de extermínio físico. Mas o autor generaliza, discorrendo que esse pensamento sempre esteve presente e que outras soluções nunca foram cogitadas.

Ao trabalhar com os exemplos dos “carrascos voluntários”, Goldhagen generaliza que essa característica era pertinente a todos os alemães, não fornecendo indícios e nem outros tipos de fontes históricas que consideram o contrário de suas formulações. Outra formulação que incomoda, é que o autor coloca a sua obra a cima de qualquer outra escrita até então, a sua obra é a “verdade absoluta” e encerra as discussões em relação ao assunto Mas apesar desses e de outros problemas, não podemos tirar o mérito da obra de Goldhagen, seu livro traz a tona algumas questões importantes, atribui a culpa aos alemães, não dando margens a debates referentes à “relativização” do Holocausto.

CAPÍTULO 3

“OS AFOGADOS E OS SOBREVIVENTES”, de PRIMO LEVI

Proponho neste capítulo discorrer sobre a obra de Primo Levi, usando como referência neste estudo, suas obras “*Os afogados e os sobreviventes*”²⁶ e “*É isto um Homem?*”²⁷. Procurar entender a partir destas obras, como Levi estrutura suas narrativas a respeito de sua experiência em Auschwitz, ressaltando que esta experiência não é somente sua, mas de todo o povo judeu. Para melhor entender essas obras e necessário fazer uma análise da vida de Primo Levi, entender quem foi este homem, a importância de seus testemunhos e as estratégias de aniquilação usadas nos *Lagers*, aniquilação que não podia ser representadas por palavras.

É importante discorrer sobre a impossibilidade de representação da catástrofe. Como dar testemunho de uma coisa que não pode ser representada tamanha sua barbaridade? Como entender essa literatura de testemunho, traduzida pela Shoah? O campo de concentração pode ser visto como uma realização única da sociedade moderna ou apenas a sua extensão? Essas são algumas perguntas que pretendo analisar no texto, não elaborando uma resposta pronta e imediata e não esgotando as possibilidades. Pretendo incorporar no capítulo a reflexão de Walter Benjamin²⁸ a respeito das narrativas e também em relação à perda das tradições.

É interessante ressaltar no texto as semelhanças do campo de concentração e do mundo exterior, trabalhando com a idéia de “zona cinzenta”, mencionar também as suas diferenças, tentar descrever, o motivo pelo qual o advento da “volta” foi tão angustiante e representativo nas obras de Primo Levi, como essa “volta” é tratada de diferentes aspectos, em forma de sonhos no qual os sujeitos se vêem livres, tentando narrar suas experiências e essa não são ouvidas e creditadas, pela própria magnitude do horror narrado, seja pela esperança de sobreviver e dar testemunho da pior experiência na qual seres humanos foram submetidos, a qual aniquilava não só o homem, mais a própria concepção de humanidade.

Primo Levi, judeu italiano, foi um dos poucos sobreviventes de Auschwitz, campo de concentração onde milhões de prisioneiros judeus foram assassinados pelos nazistas,

²⁶ LEVI, Primo. *Os afogados e os sobreviventes*; tradução Luiz Sergio Henriques. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

²⁷ _____. *É isto um Homem?*. São Paulo: Editora Rocco, 1985.

²⁸ BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica, Arte e Política*: Ensaio sobre literatura e história da cultura; tradução Sergio Paulo Rouanet; prefácio Jeanne Marie Gagnebin.- São Paulo: Brasiliense, 1989.

sobreviveu e em suas obras narra de forma surpreendente o testemunho dos horrores cometidos nos campos de concentração nazistas. Através de suas memórias, elabora uma narrativa que não pertence a só si próprio, mas também a todos os judeus que vivenciaram os campos de concentração, e por algum motivo não deixaram seu testemunho. É preciso salientar que o material mais relevante para a reconstituição da verdade sobre os campos de concentração seja constituído pelas memórias dos sobreviventes. Levi, em seus testemunhos narra não só sua experiência, tem a consciência de falar em nome de quem perdeu, antes da possibilidade de escrever, o sentido do próprio eu.

É importante compreender que as testemunhas dos horrores cometidos nos campos de concentração nazistas, na maioria das vezes eram testemunhas “privilegiadas”, testemunhas que de alguma forma desfrutavam de seus privilégios para poder enxergar mais do alto, sem se dobrar à autoridade dos campos, analisando melhor a totalidade. Essas testemunhas privilegiadas, na maioria das vezes eram presos políticos, pois esses sabiam perfeitamente que seus testemunhos eram como armas de guerra contra o nazismo. Os outros prisioneiros ou não tinham a intenção de elaborar um relato, ou não teve tempo de vida suficiente para isso. Primo Levi ressalta, que os verdadeiros testemunhos não sobreviveram para dar testemunho:

Repito, não somos nós, os sobreviventes, as autênticas testemunhas. Esta é uma noção incômoda, da qual tomei consciência pouco a pouco, lendo as memórias dos outros e relendo as minhas muitos anos depois. Nós, sobreviventes, somos uma minoria anômala, além de exígia: somos aqueles que, por prevaricação, habilidade ou sorte, não tocamos o fundo. Quem o fez, quem fitou a górgona, não voltou para contar, ou voltou mudo; mas são eles, os “muçulmanos”, os que submergiram_ são eles as testemunhas integrais, cujo depoimento teria significado geral. Eles são a regra, nós, a exceção. Sob um outro céu, mas sobrevivente de uma escravidão análoga e diferente²⁹

Em seus testemunhos, Levi explicita que o fato de ter sobrevivido não foi de “pouca sorte”, foi deportado apenas no ano de 1944, e teve muita sorte de ter sobrevivido a viagem, feitas em vagões de trem chumbados pelo lado de fora. Ao chegar em Auschwitz ainda vivo, foi julgado apto ao trabalho e enviado aos campos de trabalho forçados. Naquela altura da guerra devido à escassez de mão-de-obra, os nazistas preferiam destinar os judeus saudáveis para o trabalho escravo ao invés de mandá-los diretamente para as câmaras de gás. Mesmo assim, dos 650 judeus italianos do comboio de Levi, somente 95 homens e 29 mulheres

²⁹ LEVI, Primo. **Os afogados e os sobreviventes** ; tradução Luiz Sergio Henriques. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990. pág-47.

sobreviveram à primeira seleção. Levi, sempre mencionava que estava vivo “graças a uma combinação de rara sorte”.

Em sua obra *“É isto um Homem?”*, na qual Primo Levi descreve a sua trajetória em Auschwitz e a de todos os sobreviventes, o autor discorre sobre o processo utilizado pelos alemães de aniquilação do homem, transformá-lo em nada, ser apenas um número marcado na carne em forma de tatuagem. Primo Levi ressalta neste momento que em sua língua não existem palavras para narrar as ofensas acometidas, para o autor aquela forma de ofensa era o fundo do poço, neste trecho esta passagem fica clara:

Condição humana mais miserável não existe, não dá para imaginar. Nada mais é nosso: tirara-nos as roupas, os sapatos, até os cabelos; se falarmos, não nos escutarão_e, se nos escutarem, não nos compreenderão. Roubarão também o nosso nome, e, se quisermos mantê-lo, devemos encontrar dentro de nós a força para tanto, para que além do nome, sobre alguma coisa de nós, do que éramos.³⁰

Podemos afirmar que nesta primeira obra de Primo Levi, ele narra o cotidiano dentro do campo de concentração, a impiedosa luta pela sobrevivência, as “seleções” feitas pelos nazistas dos prisioneiros destinados ao extermínio, a fome sempre insaciável, uma fome nunca imaginada, o trabalho desumano, a violência dos Kapos, o frio e a imundície, as humilhações e principalmente a apatia que os derrotava. Fica claro também a primordial necessidade de se adaptar a esse inferno onde tudo era proibido, apenas pela razão de ser proibido.

A experiência vivida dentro do campo de concentração assume tal proporção que geralmente apaga tudo o que aconteceu antes, e posteriormente tudo que ocorrer depois. Neste ponto podemos relacionar o texto de Walter Benjamin, a respeito da perda da experiência, o declínio das tradições. Segundo este autor, a partir da fábula no qual o pai no leito de morte, transmite aos seus filhos ensinamentos, que são compreendidos como a perpetuação das tradições, algo que passa de gerações a gerações, algo maior que pequenas experiências individuais. Segundo Benjamin, esta perda da experiência acarreta o desaparecimento das tradicionais formas de narrativa, pois esta tem sua fonte na memória comum e também na transmissibilidade. Com o advento do século da catástrofe, o presente como catástrofe, iniciado pela Primeira Guerra Mundial, as experiências vividas perdem sua narrativa, pelo próprio motivo de não se poder assimilá-las com palavras.

^{30 30} LEVI, Primo. *É isto um Homem?*. São Paulo: Editora Rocco, 1985. pág-25.

Nesta obra também, Levi discute que o campo de Auschwitz é uma experiência única, uma representação singular, a experiência nos *Lagers* é uma ruptura com a existência de tudo que existia até então, é uma zona de irrealidade, que foge aos padrões estabelecidos pelo mundo. É confuso afirmar se esta é realmente a concepção de Levi a respeito dos *Lagers*, mas podemos ressaltar que “*É isto um Homem?*”, é a primeira obra de Levi após Auschwitz, e desta forma em outras obras possam ocorrer opiniões discrepantes.

Em “*Os afogados e os sobreviventes*”, Levi nos ajuda na reflexão da memória e sua conservação com o passar do tempo, e interessante ressaltar que esta obra é escrita em 1986, ou seja, a última obra de Primo Levi, nesta obra o autor expõe com muita lucidez o fenômeno da deformação das lembranças, que de certa forma aproxima as vítimas dos opressores, um mecanismo as vezes necessário para a sobrevivência após Auschwitz. Muitos foram os sobreviventes que fizeram essa “escolha” do esquecer para tentar viver, devemos entender nessa “escolha” a necessidade da libertação de um passado. Podemos verificar essa passagem no capítulo a “memória da ofensa”:

A recordação de um trauma, sofrido ou infligido, é também Traumática, porque evoca-la dói ou pelo menos perturba: quem foi ferido tende a cancelar a recordação para não renovar a dor; quem feriu expulsa a recordação até as camadas profundas para dela se livrar, para atenuar seu sentimento de culpa³¹

O interessante desta obra de Primo Levi, é que diferentemente da sua obra “*É isto um Homem?*”, é a noção que o sistema representado dentro do campo de concentração não difere muito do mundo a que os judeus estavam submetidos, dentro da Alemanha, principalmente com o advento de Adolf Hitler ao poder, já a partir de 1933. É claro que devemos ressaltar essas diferenças e as peculiaridades existentes dentro dos campos de concentração. Podemos afirmar que existia dentro dos campos de extermínio, uma organização que não era totalmente diferente ao mundo exterior, podemos concluir a partir do capítulo “zona cinzenta”, os mecanismos de funcionamento dos *Lagers*, esse mundo concentracionário, possuía uma estrutura interna incrivelmente complicada.

Podemos ressaltar que, entendendo a história como um processo de longa duração, a experiência dos *Lagers* começou a ser delimitada a partir das leis segregacionistas importadas na Alemanha nazista. Desde a subida de Hitler no poder as situações dos judeus alemães foram se deteriorando lentamente, e o campo de concentração foi seu estágio mais avançado. Devemos aceitar o fenômeno dos campos de concentração como pertencente à época

³¹ LEVI, Primo. *Os afogados e os sobreviventes*; tradução Luiz Sergio Henriques. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990. pág-10.

moderna, devemos entendê-lo como um fenômeno sem precedentes, mas não como alguma coisa “fora da realidade”, este fenômeno aconteceu e isso foi possível a partir de medidas adotadas num processo de longa duração. Acredito que “*Os afogados e os sobreviventes*”, de certa forma é a obra mais bem acabada de Primo Levi, porque ela incorpora elementos que só a reflexão em longo prazo é possível de explicar. Nesta obra, Levi discorre sobre sua lembrança em relação aos horrores nazistas e também faz uma reflexão do tema que mais o angustiava: será que o mundo que permitiu a formação dos campos de concentração realmente desapareceu com o fim do regime nazista, ou de certa forma pode voltar? Levi de forma peculiar discorre que esse perigo não acabou e se aconteceu uma vez pode acontecer de novo.

Entender os fenômenos acontecidos dentro dos *Lagers* exige uma reflexão a respeito da própria representação deste fenômeno, e isso é uma tarefa que vários pesquisadores estão empenhados, mas existe uma dificuldade, uma impossibilidade de uma representação da catástrofe. A literatura de Shoah está inserida nesta dificuldade de representação, justamente por ser uma literatura caracterizada principalmente por seu “excesso”, pelo testemunho das barbáries acontecidas dentro dos campos de extermínio. A Shoah é considerada um evento limite, a própria catástrofe por excelência.

Outra característica importante a respeito da literatura do Shoah é a falta de todo um aparato conceitual que descreva este evento, justamente pela sua dificuldade de representação, desta forma alguns autores usam conceitos, que geralmente são empregados no estudo das artes em geral. O conceito do “sublime” é geralmente usado para tentar representar a Shoah:

O característico do sublime é justamente__ como no caso do Shoah__ o seu “excesso”, a sua força ofuscante que escurece, na nossa mente todos os nossos conceitos.³²

Esta literatura de testemunho, mesmo encontrando problemas referenciais em torno da sua irrepresentabilidade, foi o caminho percorrido por exemplo por Primo Levi, após sua libertação do campo de Auschwitz. Vemos nessa literatura a necessidade de falar, de escrever, de passar adiante a terrível experiência dos campos de concentração. Um ponto comum entre os sobreviventes, que decidirão não se calar, e a angustia de falar, testemunhar e não ser ouvido, não ser creditado, ser ignorado. Isso pode ser percebido nos sonhos em que Primo Levi tem no campo de concentração, sonho esse que é comum a maioria dos prisioneiros, esse

³² SELIGMANN-SILVA, Márcio. “A História como Trauma”, in *Catástrofe e Representação*, (organizado por Arthur Nestrovski e Márcio Seligmann-Silva), Escuta, São Paulo, 2000. pág-80.

sonho relata a angústia, sonho no qual a volta para casa, a felicidade de encontrar seus parentes e amigos, narrar sua experiência, contar o horror vivido e de repente, com a consciência desesperada de que ninguém o escuta, de que os ouvintes levantam e vão embora, indiferentes.

É interessante tentar compreender, a dificuldade dos judeus em geral de pensar o advento da volta para a casa, pois com toda certeza na situação em que se encontravam, pensavam primordialmente nos problemas mais imediatos, a fome e a tentativa de sobrevivência. Não pretendo dizer que não sonhavam, não pensavam na vida anterior e também qual seria a vida depois da “aniquilação” sofrida nos *Lagers*. Como mencionado anteriormente, a volta para casa, imaginada nas horas de sono, que acometia não só Primo Levi, mas a maioria dos judeus submetidos a experiência dos *Lagers*, os deixavam angustiados, na perspectiva de ao tentarem narrar suas experiências, não serem ouvidos, não serem creditados pela própria magnitude do horror narrado, mas havia também a esperança de dar testemunho a barbárie cometida pela Alemanha de Hitler.

Em 1962, Primo Levi escreve “*A Trégua*”³³, livro no qual o autor narra detalhadamente o longo caminho que percorreu para voltar para casa, em Turim. A partir deste livro, Primo Levi descreve como foi os últimos dias no campo de concentração de Auschwitz, ou seja, a partir dos primeiros dias de janeiro do ano de 1945, quando os alemães evacuaram o campo fugindo do avanço do Exército Vermelho.

Podemos salientar que a volta para a casa é difícil para os que conseguiram sobreviver. Para a maioria, não havia mais lugar para voltar, a maioria dos países da Europa não tinha intenção de dar abrigo e proteção, seus lares estavam destruídos, seus bens haviam sido confiscados, seus familiares e amigos estavam entre os milhões de judeus mortos no maior genocídio da história. É importante ressaltar que neste período, com a aproximação da derrota nazista as condições eram precárias não só para os sobreviventes judeus, mas para toda a população da Europa em geral.

A partir do início do mês de janeiro de 1945, Primo Levi ainda um pouco atordoado pelas fraquezas e doenças, mas de certa forma um pouco mais restabelecido física e moralmente, inicia sua penosa luta para voltar a sua casa. É interessante ressaltar que não foi uma volta ser dor e muita luta. Após a libertação, Primo Levi é levado juntamente com o restante dos sobreviventes a um campo de refugiados russos no interior da Polônia. Por ter formação em Química, em pouco tempo Levi se torna o farmacêutico do campo de

³³ Levi, Primo. *A trégua*. Editora Companhia das Letras, São Paulo, 1997.

refugiados, posição que lhe proporcionava inúmeros benefícios, como uma ração suplementar de comida, o que era muito importante para garantir a sobrevivência.

Após penosos meses, a partir de junho, depois do término da Segunda Guerra, Levi começa a tão esperada viagem para finalmente chegar em casa. Percorrendo intermináveis quilômetros a pé ou de trem, passa por diversos países, entre eles Polônia, Rússia, Ucrânia, Romênia, Hungria e Áustria, até chegar a Itália meses depois. Como sempre aprendia lições de suas experiências, um dos principais ensinamentos lhe foi passado por um grego chamado Mordo Nahum, “A primeira é que, em tempos de guerra, deve-se pensar primeiro nos sapatos e depois na comida. *“Porque quem tem sapatos pode ir em busca de comida, enquanto o inverso não funciona”*. Segundo Levi, o argumento do amigo estava errado, pois a guerra já tinha terminado, mas nas palavras de Nahum, *“a guerra não termina, continua para sempre”*.

Ao chegar na Itália no final do ano de 1945, Levi encontra tudo como antes, sua casa, sua família, seus amigos. Ele fora o único a ser deportado. Após esse restabelecimento, Levi aguça sua angústia, pois precisava relatar de forma intensa a experiência vivida, a experiência que aniquilava não só os judeus, mas a própria concepção de humanidade. Em suas obras, Primo Levi traz uma narrativa embebida de lembranças, com reflexões pertinentes ao poder, a violência gratuita, a piedade, a amizade, a memória, entendendo os mecanismos desta última, o esforço de lembrar, mas ainda o esforço para se apagar e se calar.

Mas o caminho percorrido por Levi, não é o de se calar, pelo contrário, acredita que mesmo sendo difícil escrever sobre suas experiências, essa entendida como a de todo o povo judeu, essas experiências não são vazias de conteúdo, visa principalmente esclarecer as gerações, que não vivenciaram o horror da Segunda Guerra Mundial, os Nazistas e principalmente os campos de extermínio, que está terrível experiência realmente aconteceu.

Acredito de forma sistemática que a principal mensagem e contribuição das obras de Primo Levi, sem dúvida é trazer o leitor para participar dessa experiência, não apenas conhecer de forma didática as experiências de aniquilação e extermínio, mas participar, nos tornar testemunhas do pior genocídio da história, dar nossa contribuição para que essa história não se perca, ou mesmo seja “revisada”, atrair nossa atenção para que experiências como essa não aconteçam mais, pois segundo o próprio autor, *“se aconteceu, pode acontecer de novo...”*. Acredito que agindo dessa forma podemos atenuar a angústia pertinente a Primo Levi, de falar e não ser ouvido, de ser ouvido e não ser creditado.

Considerações Finais.

Podemos afirmar que as discussões a respeito do Holocausto continuam vivas e intensas. Uma dessas discussões tende a classificar o Holocausto em duas amplas categorias de análise: as interpretações “intencionalistas” e as “funcionalistas”.

As interpretações “intencionalistas” discorrem que o Holocausto foi produzido e executado, a partir de um plano antigo e preconcebido de Hitler e alguns líderes nazistas. Para essa corrente o Holocausto já estava concebido antes da guerra. Podemos afirmar que o autor Daniel Jonah Goldhagen, a partir de sua obra “Os Carrascos Voluntários de Hitler: O Povo Alemão e o Holocausto” se encaixam nessa corrente. A outra interpretação à “funcionalista”, esclarece que o Holocausto foi o resultado de esforços cada vez mais radicais de agências e líderes nazistas concorrentes para resolver o “problema judaico”. Creio que o livro de Hannah Arendt, “Eichmann em Jerusalém: Um Relato Sobre a Banalidade do Mal”, esteja configurado nesta interpretação.

É comum o debate e até mesmo as insinuações entre os seguidores das duas correntes: Para os “intencionalistas” é importante compreender os planos desenvolvidos pelo regime nazista em longo prazo, as intenções apresentadas por Hitler e a liderança do partido nazista a partir da década de 1920. As análises comuns aos seguidores da corrente “funcionalistas”, apontam para uma radicalização que foi se acumulando a partir da burocracia do Estado, preocupado em encontrar uma solução plausível para o “problema judaico”. Para essa corrente é problemático afirmar que as intenções relacionadas ao Holocausto tinham um desígnio prévio. Uma discussão interessante entre as duas linhas de interpretação é em relação ao poder apresentado pela figura de Adolf Hitler. Os “intencionalistas” argumentam e realçam o poder de Hitler sobre os processos de decisão e controle da hierarquia centralizado do regime nazista. Para os “funcionalistas” a natureza do regime nazista, descentralizada e fragmentada, em que agências e escritórios superpostos competiam entre si em relação à tomada de decisões em relação ao “problema judeu”.

Sobre as interpretações, considero que as duas correntes devem ser levadas em consideração. Todas as alternativas para tentar compreender o Holocausto são importantes. Não podemos considerar apenas a figura central de Adolf Hitler como responsável pelo Holocausto, sem levar em consideração todas as outras lideranças e o caminho no qual foi se desenvolvendo gradativamente até chegar a “solução final”. Por outro lado, devemos considerar a ideologia nazista, que desde o princípio cogitava a exclusão dos judeus da

sociedade alemã, mesmo não fornecendo ainda uma “cartilha” de como seria o processo de aniquilação dos judeus. Devemos considerar que a destruição da comunidade judaica alemã, sempre esteve na lógica anti-semita no decorrer da década de 1930, (como visto anteriormente no primeiro capítulo) mas mesmo com a gradativa exclusão e degradação, poucos acreditavam na certeza da eliminação física dos judeus europeus.

Outra questão pertinente é em relação ao conhecimento da população alemã a respeito do programa de extermínio físico. É certo que os alemães envolvidos diretamente no extermínio dos judeus procuravam de certa forma ter sigilo em relação às suas ações. Esse sigilo estava mais implicado em não alarmar as vítimas, do que por medo ou constrangimento em relação à opinião pública. Mas podemos afirmar sem nenhuma restrição, que era fácil ter a certeza que os judeus estavam sendo liquidados fisicamente, centenas de milhares de alemães participaram direta ou indiretamente dos massacres efetuados contra os judeus. Outra maneira de saber em relação à destruição física dos judeus era por meio das declarações feitas pelas lideranças nazistas a partir de novembro de 1941. É certo que muitos alemães sabiam do programa de extermínio, mas é difícil identificar a extensão em relação a esse conhecimento dentro da sociedade alemã. Outro fator é que com o fim da guerra, muitos preferiram “esquecer” os acontecimentos, elaborar uma “memória de conveniência”, para se excluir da culpa em relação ao extermínio da população judaica.

Gostaria também de fazer uma breve análise do filme “A Vida é Bela”, de Roberto Benigni. No filme, Roberto Benigni interpreta o livreiro Guido Orefice, que por meio da imaginação e da fantasia, conseguiu transformar os horrores da rotina de um campo de concentração nazista em regras de uma brincadeira, pelo menos aos olhos do filho de seis anos, conquistou crítica e público com seu espírito leve, porém crítico, e a coragem de fazer uma comédia para falar do que foi o maior drama do século XX: o Holocausto.

É interessante ressaltar, que a intenção do diretor do filme, não é contar uma “História do Holocausto”, mas sim uma história de amor que tem seu desenvolvimento ambientado na Segunda Guerra Mundial, enfocando a degradação sofrida pelos judeus e posteriormente sua aniquilação física.

O filme apresenta basicamente dois atos bem definidos, na primeira parte do filme, vemos as estripulias do personagem Guido (Benigni) tentando conquistar a bela Dora (Braschi, mulher do diretor na vida real). No segundo, Guido já está casado e tem um filho, Giosué (o garoto Giorgio Cantarini), com quem é levado para um campo de concentração nazista. A primeira parte se dá no final dos anos 1930, precisamente em 1939, momento esse que é caracterizado pelo anti-semitismo latente na sociedade italiana.

A partir da segunda parte, que acontece no decorrer da década de 1940, “A Vida é Bela” se torna outro filme, Pai e filho (justamente no dia do aniversário deste) vão parar num campo nazista. Guido mantém o mesmo humor, mas agora consciente. É forçado a criar uma fábula burlesca a fim de convencer o filho de que tudo aquilo que estão vendo não passa de um jogo, uma espécie de gincana. Serão vitoriosos aqueles que fizerem mais pontos ao cumprir todas as ordens dos soldados alemães. Um momento sublime e antológico: sem saber uma palavra de alemão, Guido “traduz” as ordens de um oficial nazista.

“A Vida é Bela”, cumpre formalmente o papel para qual foi produzido, o de emocionar as platéias do mundo inteiro, a partir de um momento histórico conturbado. Mas é importante fazer algumas ressalvas a partir do filme. Roberto Benigni faz uma interpretação individualista e fantasiosa do Holocausto, pois sua experiência não pode ser compreendida como a de todo o povo judeu. No filme, sua experiência se torna única, não demonstrando de fato a experiência traumática na qual estavam inseridos. Essa interpretação vai contra os preceitos de muitos sobreviventes, que a partir de sua narrativa, tentam contar a história pelos que não tiveram a mesma oportunidade. O único momento em que o filme se apresenta da realidade é quando Guido (Benigni) é morto pelo guarda da SS, neste momento podemos afirmar que a personagem cumpriu seu papel, vivendo nesta terrível experiência de extermínio.

FONTES

Livro

LEVI, Primo. **Os afogados e os sobreviventes** ; tradução Luiz Sergio Henriques. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

Internet

Primo Levi. Disponível em: <<<http://www.morasha.com.br/edicoes/ed41/primo.asp>>> Acesso em: 03/01/2007.

Vídeos

La Vita è Bella. Direção: Roberto Benigni. Itália, 1997.

Rompendo o Silêncio ("Broken Silence"). Org. Steven Spielberg.,2001

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

ARENDT, Hannah. **Eichmann em Jerusalém: Um Relato Sobre a Banalidade do Mal**; tradução José Rubens Siqueira.- São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e Holocausto**; tradução Marcus Penchel.- Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, Arte e Política**: Ensaio sobre literatura e história da cultura; tradução Sergio Paulo Rouanet; prefácio Jeanne Marie Gagnebin.- São Paulo: Brasiliense, 1989.

ELIAS, Norbert. **Os Alemães: A luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX**; editado por Michael Schröter; tradução, Álvaro Cabral; revisão técnica, Andréia Daher.- Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

DWORK, Debórah e PELT, Robert. **Holocausto: Uma História**; tradução de Marcos Santarrita.- Rio de Janeiro: Imago Ed., 2004. 540pp.

LEVI, Primo. **Os afogados e os sobreviventes** ; tradução Luiz Sergio Henriques. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

_____. **É isto um Homem?**. São Paulo: Editora Rocco, 1985.

_____. **A trégua** . Editora Companhia das Letras, São Paulo, 1997.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **“Palavras para Hurbinek”**, in **Catástrofe e Representação**, (organizado por Arthur Nastrovski e Márcio Seligmann-Silva), Escuta, São Paulo, 2000.

GOLDHAGEN, Daniel Jonah. **Os Carrascos Voluntários de Hitler: O Povo Alemão e o Holocausto**; tradução Luís Sérgio Roizman.- São Paulo: Companhia das Letras, 1997

SELIGMANN-SILVA, Márcio. **“A História como Trauma”**, in Catástrofe e Representação, (organizado por Arthur Nestrovski e Márcio Seligmann-Silva), Escuta, São Paulo, 2000.

STACKELBERG, Roderick. **“A Alemanha de Hitler: Origens, Interpretações, Legados”**; tradução de A. B. Pinheiro de Lemos.- Rio de Janeiro: Imago Ed., 2002. 412pp.